



Opinião Bruno Bobone

O exemplo de Santar

A final Portugal é possível. Estive na passada semana em Santar. Já à procura de um local relaxante em que o tempo não nos pressiona e nos deixa passar as horas lentas e pachorrentas. Uma estadia para recuperar forças de um dia a dia exigente que nunca nos deixa descansar.

Tinham-me dito que em Santar algo de diferente se estava a passar, em que, por um lado, começava a haver investimento turístico, mas que havia também um projeto ligado aos seus jardins que valia a pena conhecer.

Pois, caro leitor, aquilo que não me tinha passado pela ideia era que iria conhecer um projeto extraordinariamente interessante, baseado na cooperação, no ambiente, na sustentabilidade e na inclusão. Tudo aquilo que procuramos conseguir hoje desenvolver em todos os setores da sociedade, para criarmos um mundo melhor e cheio de esperança.

Santar foi, a seguir a 1640, um local em que algumas das novas famílias que assumiram o poder em Portugal tinham ou estabelecido as suas casas, que foram desenvolvendo, aumentando a sua dimensão e afirmando a sua importância.

Ao mesmo tempo, animados por alguma influência da época e de ideias mais internacionais, foram dotando essas casas de jardins muito estruturados e bem desenhados, que pretendiam também impressionar quem os visitava, mostrando o seu nível e poder.

Ora, tudo isto, que teve a sua enorme im-

portância à época, foi diminuindo de relevância com o tempo a passar e até há alguns anos a vila de Santar estava, como muitas vilas do interior, a perder a sua identidade, a sua gente, a sua juventude, enfim, a sua vida.

Pois nesta vila, em 2013, José Luís Vasconcelos e Sousa, reunindo outras famílias, dá início a um projeto de promoção dos jardins de Santar, recuperando-os, mas, principalmente, unindo-os de forma a torná-los um passeio maravilhoso que nos mostra a vila por dentro dos seus palácios, contando-nos uma história do que foi Santar, e daquilo que de tão bonito e relevante se passou neste local.

O enquadramento dado ao projeto, a forma como se unem os diferentes jardins, o envolvimento das diferentes famílias que abriram as suas casas, destruindo os muros que escondiam os jardins portas a dentro e criando pontes, a par da qualidade da arquitetura paisagística que foi realizada para tornar este projeto em algo de tão especial, é já uma enorme vitória para a cultura de um Portugal que cada vez mais se fecha num individualismo que nos faz mais pequeninos sempre fomentado pelo medo de perder.

Em Santar não tiveram medo e avançaram todos juntos para um projeto temerário, mas que é ambiental, é bonito e é já um projeto ganhador que começa a retornar população à vila. Mas é também um projeto de inclusão.

Uma das ideias lançadas pela recuperação dos jardins destas casas solarengas – aproveitando a característica tão típica dos jardins portugueses de terem sempre uma componente de hortas ao lado das plantas de decoração – dos responsáveis deste projeto foi convidar famílias residentes de Santar a explorar, dentro dos jardins recuperados, hortas individuais, que se enquadrassem com as exigências da arquitetura estabelecida, conseguindo tornar o projeto em qualquer coisa pertencente à sociedade Santarense, deixando que esta se integrasse no sucesso conseguido.

É muito bonito ver um trabalho que começa na recuperação de uns jardins, que promove a arte, que promove a união, que se baseia na união, que cria a inclusão e que resulta numa melhoria económica. Parece um percurso invertido, mas é principalmente um caminho verdadeiro.

Parabéns a Santar.

bruno.bobone.dn@gmail.com

“

É muito bonito ver um trabalho que começa na recuperação de uns jardins, que promove a arte, que promove a união, que se baseia na união, que cria a inclusão e que resulta numa melhoria económica.”